



## **CATEQUESE**

**Sua Santidade o Papa Bento XVI**

**Vaticano - Audiência Geral**

**Quarta-feira, 9 de Janeiro de 2013**

Queridos irmãos e irmãs,

Neste tempo natalício concentramo-nos, mais uma vez, no grande mistério de Deus que desceu do seu Céu para entrar na nossa carne. Em Jesus, Deus encarnou-se, e tornou-se homem como nós, e assim abriu-nos a estrada para o seu Céu, para a comunhão plena com Ele.

Nestes dias, nas nossas Igrejas tem-se ouvido frequentemente a palavra “*Encarnação*” de Deus, para exprimir a realidade que celebramos no Santo Natal: o Filho de Deus fez-se homem, tal como recitamos no Credo. Mas o que significa esta palavra central para falar da fé cristã? Encarnação deriva do latim “*incarnatio*”. Santo Inácio de Antioquia – desde o primeiro século – e, sobretudo, Santo Irineu usaram este termo reflectindo sobre o Prólogo do Evangelho de São João, em particular sobre a expressão: “*O Verbo se fez carne*” (Jo 1, 14). Aqui a palavra “*carne*”, segundo o uso hebraico, refere-se ao homem na sua integridade, todo o homem, especificamente no sentido da sua transitoriedade e temporalidade, da sua pobreza e contingência. Isto para dizer que a salvação trazida por Deus fazendo-se carne em Jesus de Nazaré toca ao homem na sua realidade concreta e em qualquer situação em que se encontra.

Deus assumiu a condição humana para curá-la de tudo o que a separa Dele, para permitir-nos chamá-lo, em seu Filho Unigénito, como o nome de “*Abbá, Pai*” e sermos verdadeiramente filhos de Deus. Santo Irineu afirma: “*Este é o motivo pelo qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, entrando*

*em comunhão com o Verbo e recebendo assim a filiação divina, se transformasse em filho de Deus” (Adversus haereses, 3,19,1: PG 7,939; cfr Catecismo da Igreja Católica, 460).*

“*O Verbo fez-se carne*” é uma daquelas verdades com a qual estamos tão acostumados que quase não nos afecta na grandeza do evento que ela significa. E na verdade, neste período natalício, no qual tal expressão retorna sempre na liturgia, muitas vezes, fica-se mais preso aos aspectos exteriores, às “cores” da festa, que ao coração da grande novidade cristã que celebramos: algo absolutamente impensável, que apenas Deus poderia operar e no qual podemos entrar somente com a fé.

O *Logos*, que está em Deus, o *Logos* que é Deus, o Criador do mundo, (cf Jo 1,1), pelo qual todas as coisas foram criadas (cf 1,3), que acompanhou e acompanha os homens na história com a sua luz (cf 1, 4-5; 1-9), faz-Se um entre nós, faz morada no meio de nós, faz-Se um de nós (cf 1,14). O Concílio Ecuménico Vaticano II afirma: “*O Filho de Deus... trabalhou com mãos de homem, pensou com mente de homem, agiu com vontade de homem, amou com coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, Ele fez-se verdadeiramente um de nós, em tudo idêntico a nós excepto no pecado (Cost. Gaudium Et spes, 22).*”

É importante, portanto, recuperar o estrépito diante deste mistério, deixar-nos envolver pela grandeza deste evento: Deus, o verdadeiro Deus, Criador de tudo, percorreu como homem as nossas estradas, entrando no tempo do homem, para comunicar-nos a Sua própria vida (cf 1 Jo 1, 1-4). E fê-lo não com o esplendor de um soberano, que submete o mundo com o seu poder, mas com a humildade de uma criança.

Gostaria de destacar um segundo elemento. No Santo Natal normalmente trocam-se presentes com as pessoas mais próximas. Às vezes pode ser um gesto feito meramente convencional, mas geralmente exprime afecto, é sinal de amor e de estima. Na oração sobre as ofertas da Missa da aurora da Solenidade de Natal a Igreja reza “*Acolhei, Senhor, a nossa oferta nesta noite de luz, e por essa misteriosa troca de dons transforma-nos no Cristo Teu Filho, que elevou o homem ao seu lado na glória*”. O pensamento da doação está no centro da liturgia e traz à nossa consciência o original presente de Natal: naquela noite santa, Deus fazendo-Se carne, quis fazer-Se presente

para os homens, doou-Se a si mesmo por nós; Deus fez de seu Filho único um presente para nós, assumiu a nossa humanidade para doar-nos a sua divindade. Este é o grande presente. Também quando presenteados, o importante não é que seja algo mais ou menos caro; mas quem não doa um pouco de si mesmo, doa sempre muito pouco; aliás, não é raro substituir o coração e o compromisso de doação de si pelo dinheiro, com coisas materiais. O mistério da Encarnação indica que Deus não fez assim: não doou alguma coisa, mas doou-Se a si mesmo no seu Filho Unigénito. Encontramos aqui o modelo do nosso doar, para que as nossas relações, especialmente aquelas mais importantes, sejam guiadas pela gratuidade do amor.

Gostaria de oferecer uma terceira reflexão: o facto da Encarnação, de Deus que Se fez homem como nós, mostrar-nos o realismo sem precedentes do amor divino. O agir de Deus, de facto, não se limita às palavras, podemos dizer que Ele não se contenta em falar, mas insere-se na nossa história e assume para si o cansaço e o peso da vida humana. O Filho de Deus fez-Se verdadeiramente homem, nasceu da Virgem Maria, num tempo e num lugar determinado, em Belém durante o reinado do Imperador Augusto, sob o governador Quirino (cf Lc 2, 1-2); cresceu numa família, teve amigos, formou um grupo de discípulos, instruiu os Apóstolos para continuarem a sua missão, terminou o percurso de sua vida terrena na cruz.

Este modo de agir de Deus é um forte estímulo para nos interrogarmos sobre o realismo da nossa fé, que não deve ser limitado à esfera do sentimento, das emoções, mas deve entrar no concreto da nossa existência, deve tocar a nossa vida de cada dia e orientá-la também no modo prático. Deus não parou nas palavras, mas indicou-nos como viver, partilhando da nossa mesma experiência, excepto no pecado.

O Catecismo de São Pio X, que alguns de nós estudámos quando jovens, com a sua profundidade, pergunta: *“Para viver segundo Deus, o que devemos fazer?”*, dando a seguinte resposta: *“Para viver segundo Deus devemos acreditar nas verdades reveladas por Ele e observar os seus mandamentos com a ajuda da sua graça, que é obtida mediante os sacramentos e a oração”*. A fé tem um aspecto fundamental que interessa não apenas à mente e ao coração, mas a toda a nossa vida.

Proponho um último elemento para vossa reflexão. São João afirma que o Verbo, o *Logos* era, desde o princípio, Deus, e que tudo foi feito por meio do Verbo e nada do

que existe foi feito sem Ele (cf Jo 1, 1-3). O Evangelista alude claramente à narração da criação no primeiro capítulo do Livro de Génesis, e lê-o novamente à luz de Cristo. Este é um critério fundamental na leitura cristã da Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento devem ser lidos sempre em conjunto e a partir do Novo é revelado o sentido mais profundo também do Antigo.

Aquele mesmo Verbo, que existe desde sempre com Deus, que é Deus Ele mesmo e por meio do qual e em vista do qual tudo foi criado (cf Col 1, 16-17), fez-se homem: o Deus eterno e infinito inseriu-se na finitude humana, na sua criatura, para reconduzir o homem e a inteira criação a Ele. O Catecismo da Igreja Católica afirma: *“A primeira criação encontra o seu sentido e o seu ponto culminante na nova criação em Cristo, cujo esplendor ultrapassa o da primeira”* (n.349). Os Padres da Igreja aproximam Jesus a Adão, de modo a defini-lo como *“segundo Adão”* ou Adão definitivo, a imagem perfeita de Deus. Com a Encarnação do Filho de Deus surge uma nova criação, que dá a resposta completa à pergunta *“Quem é o homem?”*. Somente em Jesus se manifesta plenamente o projecto de Deus sobre o ser humano: Ele é o homem definitivo segundo Deus. O Concílio Vaticano II o reitera com força: *“Na realidade, somente no mistério do Verbo encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem ... Cristo, novo Adão, manifesta plenamente o homem ao homem e revela-lhes a sua vocação”* (cost. *Gaudium et spes*, 22; cf *Catecismo da Igreja Católica*, 359). Naquele menino, o Filho de Deus contemplado no Natal, podemos reconhecer a verdadeira face, não somente de Deus, mas a verdadeira face do ser humano; e somente abrindo-nos à acção da sua graça e procurando cada dia segui-Lo conseguiremos realizar o projecto de Deus para nós, para cada um de nós.

Queridos amigos, neste período meditemos a grande e maravilhosa riqueza do Mistério da Encarnação, para deixar que o Senhor nos ilumine e nos transforme sempre mais à imagem de seu Filho feito homem por nós.

Benedictus PP XVI